

UM ESTUDO DE CASO: A EXCLUSÃO DOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO EM TEMPOS DE PANDEMIA E SEUS ENTRAVES

Jackeline Barcelos Corrêa (UENF)

jack.barcelos1@hotmail.com

Amaro Sebastião Quintino (UENF)

amarotiao@yahoo.com.br

Aline Peixoto Vilaça Dias (UENF)

alinepeixoto16@hotmail.com

Luiz Cláudio da Silva Velasco (ISEPAM)

luizvelasco36800@gmail.com

RESUMO

A presente pesquisa objetiva desenvolver uma análise sobre a exclusão dos alunos do Ensino Médio, mediante o ensino ser realizado por meio das plataformas digitais neste período pandêmico. O uso das tecnologias como ferramentas facilitadoras para o processo de inclusão de alunos perpassa por diversas vertentes educacionais. A busca por uma educação eficaz e significativa, devido à diversidade existente no contexto escolar e regional constitui o foco dessa investigação. Para complementar este trabalho, realizou-se uma pesquisa nas redes sociais para análise de conteúdos seguindo as orientações do Laurence Bardin (2006). Esta discussão gira em torno da reflexão sobre o uso pedagógico das tecnologias como instrumentos estimuladores das habilidades e competências dos alunos, onde muitas vezes os alunos do interior não conseguem ter acesso e acabam ficando prejudicados com o sentimento de exclusão. Vale destacar, que estas situações já existiam e com a pandemia ficou em evidência. Por meio do desenvolvimento do presente estudo, foi possível constatar que a “exclusão” ficou desacerbada com a pandemia, e que os alunos do Ensino Médio estão se sentido defasado no que diz respeito ao acesso às informações. É preciso ajustar todas as ferramentas para que todos tenham acesso e para que não haja exclusão.

Palavras-chave:

Exclusão. Ensino Médio. Estudo de Caso.

ABSTRACT

This research aims to develop an analysis on the exclusion of high school students, through teaching being carried out through digital platforms in this pandemic period. The use of technologies as facilitating tools for the process of inclusion of students goes through several educational aspects. The search for an effective and meaningful education, due to the diversity existing in the school and regional context, is the focus of this investigation. To complement this work, a search was made on social networks for content analysis following the guidelines of Laurence Bardin (2006). This discussion revolves around the reflection on the pedagogical use of technologies as instruments to stimulate the students' skills and competences, where students from the countryside are often unable to access and end up being harmed by the feeling of exclusion. It is worth mentioning that these situations already existed and with the pandemic it be-

came evident. Through the development of the present study, it was possible to verify that the “exclusion” became less intense with the pandemic, and that high school students are feeling lagged with regard to access to information. It is necessary to adjust all the tools so that everyone has access and so that there is no exclusion.

Keywords:

Exclusion. Case Study. High School.

1. Introdução

As Tecnologias de Informação e Comunicação (TICs) estão cada vez mais inseridas na sociedade atual, fazendo parte de todas as relações sociais. As instituições de ensino é um espaço que está se beneficiando com o uso da tecnologia devido a facilidade de acesso ao conteúdo escolar. Os alunos buscam se adequar as novas maneiras de aprender cada dia mais, para se inserirem neste mundo virtual inseridos no ensino remoto com aulas síncronas e assíncronas.

Muitos lugares passam por dificuldades em chegar à era digital, ainda existem muitas comunidades com pouco acesso tecnológico, fato que favorece as desigualdades sociais, com isso, ocorre o privilégio de algumas pessoas. Os alunos mais prejudicados são os alunos que vivem no interior, que possuem pouco acesso aos telefones modernos e computadores, e muitos não têm condições financeiras ou não têm ponto de *internet*.

Este trabalho tem como objetivo geral analisar como se dá a exclusão dos alunos do Ensino Médio, de duas escolas Estaduais e busca compreender quais são as dificuldades ocorridas e quais os seus entraves por meio de seus relatos.

A LDBN/96 apresenta um Ensino Médio como sendo a última etapa da Educação Básica que complementa o Ensino Fundamental, que reforçado por Marun (2018), tem o objetivo de preparar e inserir o aluno no mercado de trabalho, desta forma estimula o desenvolvimento do senso crítico, (...) “as propostas de inserção no mercado, continuidade acadêmica e apropriação de novas tecnologias parecem ser apenas para alguns. Em suma, como é possível para o jovem que frequenta o curso regular do Ensino Médio noturno e traz as marcas de trajetórias acidentadas, objetivas tais pleitos. (MARUN, 2008, p. 37). Sendo assim, se os alunos não acompanharem a nova articulação da escola durante a pandemia, os mesmos ficarão com essas carências de conteúdos.

Com a pandemia do COVID-19, os impactos sobre a educação e a formação dos alunos podem ser mais graves do que se imagina, pois, o professor no Ensino Médio teve que fazer ajustes/adaptações para ensinar os alunos de forma remota, com isso o uso das mídias virtuais como recurso pedagógico nas instituições de ensino está possibilitando o desenvolvimento e estudo de “alguns”, já que a prática pedagógica é diversificada e significativa, visando respeitar as especificidades de cada aluno.

No referencial teórico adotado na pesquisa destacaram-se os estudos de: Bourdieu (1987), Alves (2007), Preto (2008), juntamente com outros autores sobre o tema em destaque.

Diante desta realidade, é fundamental salientar que o trabalho remoto se caracteriza como um instrumento pedagógico para este momento de excepcionalidade, onde os professores assumem a função de mediadores virtuais buscando atrair e envolver os alunos motivando a participar efetivamente do processo educativo à medida que possibilitam diferentes formas de compreender os conhecimentos trabalhados nas instituições de ensino. Um fator limitante é que nem todos conseguem ter acesso a esse conjunto de elementos de naturezas diferentes, a atividades realizadas em espaços diferentes (diversas escolas, dentro e fora da sala de aula, diferentes turmas, aulas remotas síncronas e assíncronas, deslocamentos, família, casa, amigos, etc.) e que é preciso se adequar para atender a todos.

2. Metodologia

Como metodologia buscou-se uma pesquisa bibliográfica em sites acadêmicos, *Scielo*, *Scopus*, com busca de palavras, pesquisas em livros e a análise dos conteúdos seguindo os estudos do Bardin (2006), para análise de dados os conteúdos dos relatos foram retirados das redes sociais que explicitaram o desconforto no ensino remoto aplicado às turmas do Ensino Médio, como estão se sentindo nesta pandemia.

Utilizamos os relatos de 5 alunos do Ensino Médio sendo que duas escolas diferentes situadas no interior do Município de São João da Barra-RJ, onde o acesso à tecnologia é difícil. Com as transcrições dos relatos, buscou-se obter informações e analisar as respostas sobre a temática em questão.

3. A pandemia do Covid-19 e seus efeitos educacionais

Para diminuir o avanço do novo Coronavírus (Covid-19), algumas das instituições de ensino tanto públicas quanto particulares têm suspenso as aulas presenciais e adotado modelos de *home-office*, dando continuidade aos estudos. Mediante a esta situação, começa a surgir a necessidade de decidir quais as ferramentas de aprendizado que o professor vai disponibilizar para os alunos, entre uma série de outras questões. Diante desta realidade, o nosso Sistema Educacional também precisou se adaptar e o Ministério da Educação e Cultura (MEC), através da portaria nº 343, de 17 de março de 2020, autorizou algumas instituições de ensino a substituírem suas aulas presenciais por meios digitais, enquanto durar a situação de pandêmica.

Diferentemente dos séculos passados, a saúde pública possui, atualmente, importantes aliadas no combate à COVID-19. As tecnologias digitais de informação e comunicação (TDIC) podem contribuir para minimizar o impacto da disseminação, permitindo um maior alcance das práticas de educação em saúde. As tecnologias da era digital têm exercido um papel fundamental na divulgação de informações pertinentes à doença, como: orientação da população sobre dados epidemiológicos, avanços e perspectivas na ciência, medidas de prevenção e controle, ajuda psicológica e especializada. Todas essas informações são amplamente divulgadas nas mídias sociais por meio de vídeos, estudos científicos, animações, simulações, aplicativos de monitoramento e informações compartilhadas em grupos de aplicativos de mensagens. A COVID-19 é a primeira grande pandemia da era das mídias sociais, o que tem promovido oportunidades para a rápida distribuição de informações em tempo real, e isso fortalece a cooperação humanitária no combate à afecção. (BOULOS, 2020, p. 3)

Tabela 1: Total de unidades de ensino público municipal em funcionamento e total de alunos.

Unidades por tipo de atendimento									
Creche/CEI - unidades de Educação Infantil	Escolas/CEP com atendimento exclusivo de Educação Infantil	Unidades exclusivas de Ensino Fundamental I	Unidades exclusivas de Ensino Fundamental II	Unidades com mais de uma modalidade / segmento	Educação Especial Excluída	EJA Exclusivo	Escolas Municipais Olímpicas Catecas (Ensino Fundamental I)	Escolas Municipais Olímpicas Catecas (Ensino Fundamental II)	Escolas Municipais de Aplicação Catecas (Ensino Fundamental II)
526	8	228	224	552	4	2	2	5	28

Fonte: Domínio Público da SEEDUC-Rio de Janeiro (2020).

Diante de tal importância, é imprescindível não aderir aos avanços tecnológicos na educação significa, para o professor, isto é investir em si próprio e possibilitar ao outro o acesso à informação e ao conhecimento,

transformando-o e permitindo que ele próprio seja o agente transformador de ambas as histórias.

Mediante a situação causada pelo ao COVID-19, a sociedade teve que mudar os hábitos, pensar em uma nova rotina, buscar métodos mais eficazes para desenvolver as diversas atribuições e ainda se preocupar ainda mais com a saúde mental devido a todas as orientações e cuidados que devemos ter. Entre elas podemos citar: o fato de dobrar a higiene, evitar sair de casa para não causar aglomerações, de encontrar com pessoas, ficar impossibilitados de seguir a rotina habitual, criando adaptações se reinventando, mantendo o distanciamento social, para sobreviver essa grande pandemia como afirma a UNESCO (2020).

Com este momento pandêmico, os estudantes estão em casa, junto de seus familiares. Esses responsáveis estão tendo que se equilibrar entre preocupações com o sustento da família, trabalho, rotina doméstica, ansiedades, medos, e educação dos seus filhos. Pois, com este isolamento, algumas escolas criaram meios de dar continuidade à rotina de estudos, utilizando o “ciberespaço”.

[...] Todos aprendem juntos, não em um local no sentido comum da palavra, mas num espaço compartilhado, um “ciberespaço”, através de sistemas que conectam em uma rede as pessoas ao redor do globo. Na aprendizagem em rede, a sala de aula fica em qualquer lugar onde haja um computador, um “modem” e uma linha de telefone, um satélite ou um “link” de rádio. Quando um aluno se conecta à rede, a tela do computador se transforma numa janela para o mundo do saber. (HARASIM *et al.*, 2005, p. 19)

A transformação digital possibilita avanços, mas, ao mesmo tempo, exige muitas mudanças que o ser humano precisa se dispor a fazer para se adaptar aos novos desafios em diversos setores da sociedade, inclusive, no setor educacional.

A COVID-19 surgiu de repente e nos levou a uma situação emergencial. A pandemia afastou os alunos presenciais, da Educação Básica, Do Ensino Médio e do Ensino Superior. As instituições de ensino ficaram naturalmente atônitas e a reação demorou um pouco a ocorrer. Surgiram, então, as necessidades de adaptação e de superação, tanto por parte da gestão, quanto dos docentes e discentes, incluindo toda a sociedade. Segundo Boulos (2020):

Outro desafio que deveria ser considerado é o alcance que as mídias sociais proporcionam, no que se refere ao rápido e fácil acesso às informações. Já que essas mídias se tornaram um dos caminhos, talvez o mais predominante, de acesso às informações, cabe à saúde pública encontrar

melhores estratégias para se comunicar sobre os planos de mitigação da COVID-19 por meio delas. Os indivíduos passaram a participar de forma ativa e a ter uma maior autonomia na busca do conhecimento. Por outro lado, em um país com um perfil demográfico e cultural diverso, o acesso à internet e às mídias sociais para toda a população ainda não é uma realidade. (BOULOS, 2020, p. 3)

São diversas as ferramentas utilizadas para a comunicação na forma remota pelos professores, cada escola adotou estratégias de acordo com seus objetivos educacionais e suas possibilidades. Dentre os meios que estão sendo mais utilizados estão, “*Google Classroom*”, o aplicativo “*Zoom*”, “*Youtube*”, o “*Meet*” e grupos do “*WhatsApp*”, dentre outros. Há escolas que também optaram por distribuir materiais impressos das atividades, com cronograma das tarefas diárias. Algumas escolas deram preferência as plataformas particulares de ensino, e na intencionalidade de atender aos alunos e responsáveis que não tem familiaridade com a “*internet*” entregam apostilas e folhas impressas na escola, buscando uma forma que encontramos de facilitar o ensino e deixá-lo mais acessível.

Com o isolamento social causado pela COVID-19 levou toda a sociedade a buscar saídas, refletir sobre novas formas educacionais neste período pandêmico. Paulo Freire já sinalizava sobre isso:

[...] O homem se comunica desde os remotos desenhos realizados no interior das cavernas à moderna conversação via era da internet, especialmente potencializada na pandemia. Um fato, portanto, é comprovado pela própria inteligência humana: a comunicação é inerente ao instinto do *homo sapiens* e não existe sociedade organizada no mundo que não utilize os códigos da fala e da linguagem. [...] Assumir-se como ser social e histórico, como ser pensante, comunicante, transformador, criador, realizador de sonhos, capaz de ter raiva porque é capaz de amar. Assumir-se como sujeito porque é capaz de reconhecer-se como objeto. A assunção de nós mesmos não significa a exclusão dos outros. (FREIRE, 2001, p. 46-7)

Para minimizar os riscos de contaminação por Coronavírus nas escolas, os governos têm postergado o retorno das aulas. Alguns municípios já decidiram voltar somente em 2021 devido à situação de atender o protocolo de segurança para o retorno às aulas presenciais. Sendo assim, algumas instituições já estão se preparando para continuarem com as aulas *online* de forma remota. Isso tem ocorrido com docentes de todos os níveis, da Educação Infantil ao Ensino Superior. Vale ressaltar que, há uma grande inquietude sobre o retorno definitivo. Uma alternativa viável é o ensino híbrido, método que oferece as didáticas à distância e presenciais para os estudantes que Boulos (2020) afirma:

Nesse cenário de pandemia, outras estratégias educativas têm sido utilizadas, como o papel da vigilância em saúde nas barreiras sanitárias, tentando levar orientações a um maior número de indivíduos, e as já mencionadas, veiculadas por diferentes TDIC. No entanto, vale lembrar que não se aprende por acumulação ou por motivos utilitários, mas por ganho de significado e de sentido. Aprende-se, sobretudo, pelo compartilhamento de experiências e práticas intermediado pela construção de um pensamento crítico e reflexivo. (BOULOS, 2020, p. 3)

Vale salientar que após a pandemia possivelmente haverá um maior hibridismo da educação presencial com o EaD, pois cada vez mais os professores estarão preparados para o distanciamento, tendo a possibilidade factível de novas doenças coletivas futuras e pela praticidade dos contatos e das reuniões com o foco educativo.

4. *O Ensino Médio e a exclusão tecnológica dos alunos*

A oportunidade de acesso deveria ser igual para todos, porém, a permanência requer um trabalho coletivo, onde o aluno deveria ser ouvido em sua íntegra, ou seja, quais são as suas dificuldades em busca de conhecer melhor a sua realidade. Neste momento toda a instituição de ensino deveria estar envolvida, trabalhando em prol desses alunos, buscando alternativas de acesso, metodologias adequadas, respeitando as individualidades desses jovens, para cumprir com as propostas remotas.

Os dados publicados recentemente pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) sobre os indicadores sociais da população brasileira, demonstram como Ensino Médio no país ainda enfrenta amplos desafios devido a uma série de fatores. De acordo com (BRASIL, 2009), as dificuldades encontradas neste nível estão no acesso, na permanência, nas dificuldades de transportes, no desempenho e na conclusão do curso e à tecnologia que atualmente é considerado essencial.

O Ensino Médio reflete ao longo de nossa história as relações típicas de poder de uma sociedade que ainda dividida em classes sociais, às quais se atribui o exercício de funções intelectuais e dirigentes, ou funções instrumentais. De acordo com a (LDBEN) Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (BRASIL, 1996), verifica-se que:

Com a perspectiva de um imenso contingente de adolescentes, jovens e adultos que se diferenciam por condições de existência e perspectivas de futuro desiguais, é que o Ensino Médio deve trabalhar. Está em jogo a recriação da escola que, embora não possa por si só resolver as desigualdades sociais, pode ampliar as condições de inclusão social, ao possibilitar o acesso à ciência, à tecnologia, à cultura e ao trabalho. (BRASIL, 1996)

Estas vertentes que se dividem em educacional e profissional parecem constituir-se num problema político de difícil solução. Faz-se necessário reconhecer que esta é uma dificuldade complexa de nossa história educacional, e que precisa ser enfrentada com a proposta de atender a todos os envolvidos no processo educativo.

Nesse contexto, verifica-se que para atender às necessidades dos alunos é indispensável um olhar para as expectativas dos jovens quanto à sua formação, e assim torna-se imprescindível seguir com as finalidades do Ensino Médio que estabelece na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996):

I – a consolidação e o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no Ensino Fundamental, possibilitando o prosseguimento de estudos;

II – a preparação básica para o trabalho e a cidadania do educando, para continuar aprendendo, de modo a ser capaz de se adaptar com flexibilidade a novas condições de ocupação ou aperfeiçoamento posteriores;

III – o aprimoramento do educando como pessoa humana, incluindo a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico;

IV – a compreensão dos fundamentos científicos- tecnológicos dos processos produtivos, relacionando a teoria com a prática, no ensino de cada disciplina. (BRASIL, 1996: Art. 35, p. 53)

De acordo com a situação crítica do isolamento social percebemos que alguns alunos não estão acompanhando os estudos remotos, síncronos e assíncronos acarretando o um prejuízo intelectual por falta de acesso.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional explicita que o Ensino Médio é a “etapa final da Educação Básica” (Art. 36), o que concorre para a construção de sua identidade. O Ensino Médio passa a ter uma característica da terminalidade, o que assegura a todos uma oportunidade de consolidar e aprofundar os conhecimentos e uma possível inserção no mercado de trabalho.

Em oposição aos defensores dos fatores externos como determinantes do fracasso escolar, o sociólogo Bourdieu (1995), aponta a escola como responsável pelo sucesso ou fracasso dos alunos das escolas públicas, tomando como base explicações que variam desde o seu caráter reprodutor até o papel e a prática pedagógica do professor.

Bourdieu (1987) em sua teoria aborda que:

[...] o mundo social pode ser concebido como um espaço multi-dimensional construído empiricamente pela identificação dos principais fatores de diferenciação que são responsáveis por diferenças observadas num dado universo social ou, em outras palavras, pela descoberta dos poderes ou formas de capital que podem vir a atuar, como azes num jogo de cartas neste universo específico que é a luta (ou competição) pela apropriação de bens escassos... os poderes sociais fundamentais são: em primeiro lugar o capital econômico, em suas diversas formas; em segundo lugar o capital cultural, ou melhor, o capital informacional também em suas diversas formas; em terceiro lugar, duas formas de capital que estão altamente correlacionadas: o capital social, que consiste de recursos baseados em contatos e participação em grupos e o capital simbólico que é a forma que os diferentes tipos de capital toma uma vez percebidos e reconhecidos como legítimos". (BOURDIEU, 1987, p. 4)

O Ensino Médio, portanto, é a etapa final de uma educação de caráter geral, com a construção de competências básicas, que envolve alunos no processo ensino/aprendizagem maneira eficaz. Mas com a pandemia, e o uso desacerbado da tecnologia em prol do ensino, o que está acontecendo é a falta de oferta de oportunidades para os alunos que moram no interior, devido as dificuldades de acesso à tecnologia.

Nessa perspectiva, faz-se necessário compreender a importância de buscar um olhar para a inclusão, e verificar se todos os alunos estão tendo acesso e se as tecnologias realmente sendo oferecidas para todos, pois é uma ferramenta essencial de auxílio na apropriação de novos saberes em tempos remotos.

5. *Os entraves da Educação e o Ensino Remoto*

No Ensino Médio percebe-se um gradativo aumento de dificuldades devido a ser a etapa onde muitos alunos criam as expectativas para um mercado promissor, com base no Ensino Fundamental e com a conclusão do Ensino Médio, os mesmos já pensam em ingressar no mercado de trabalho: estando ou não qualificados e sem opção de escolha profissional. Podemos verificar as condições desiguais entre os alunos que chegam ao Ensino Médio, em termos de conteúdos.

O autor pontua questões importantes, ressaltando:

O processo de aprendizagem traduz a maneira como os seres adquirem novos conhecimentos, desenvolvem competências e mudam o comportamento. Trata-se de um processo complexo que, dificilmente, pode ser explicado apenas através de recortes do todo. (ALVES, 2007)

No Ensino Médio é necessário que se tenha base para a sua permanência, já que muitas vezes os alunos não encontram condições sociais e financeiras adequadas para seus estudos: transporte precário, eles residem distante da instituição de ensino, as políticas sociais não cooperam, entre outros fatores limitantes. São tantas realidades que para detectar as soluções desses problemas, é preciso que viabilize projetos de intervenção para a melhoria de seus acessos (SILVA *et al.*, 2010).

Na proporção em que avançam as tecnologias de comunicação virtual (que conectam pessoas que estão distantes fisicamente como a *Internet*, telecomunicações, videoconferência, redes de alta velocidade) o conceito de presencialidade também se altera. A denominada “revolução informática” promove mudanças radicais na área do conhecimento, que passa a ocupar um lugar central nos processos de desenvolvimento, em geral (PRETTO, 2008, p.81).E quem não tem acesso a tecnologia, como faz para adquirir conhecimentos? Com a vinda do Ensino remoto devido a pandemia, as aulas se tornaram síncronas e assíncronas fortalecendo o Ensino EAD.

As plataformas de estudos se tornaram essenciais e os alunos que não têm acesso essas linguagens de inserção tecnológicas ficam à margem. É possível afirmar que, nas próximas décadas, a educação vá se transformar mais rapidamente do que em muitas outras, em função de uma nova compreensão teórica sobre o papel da escola, estimulada pela incorporação das Novas Tecnologias da Informação. Pretto (2008) afirma:

A presença de tecnologias mais simples, como os livros impressos, ou de outras mais avançadas, como os computadores em rede, produzindo novas realidades, exige o estabelecimento de novas conexões que as situem diante dos complexos problemas enfrentados pela educação, sob o risco de que os investimentos não se traduzam em alterações significativas das questões estruturais da educação. (PRETTO, 2008, p. 81)

Durante o isolamento social já é uma realidade professores externos compartilhando determinadas aulas, um professor de fora “entrando” com sua imagem e voz, na aula de outro professor. E quando essa realidade se encontra distante para alunos de baixa renda que têm pouco acesso, na maioria das vezes ficam à margem de todo o contexto. Por isso é importante ter um intercâmbio maior de saberes, possibilitando que cada professor colabore com seus conhecimentos específicos, no processo de construção de novos saberes (ALVES, 2007, p. 6).

Percebe-se que é fundamental que se utilize a informática como aborda Oliveira:

O uso da informática na educação exige em especial um esforço constante do educador para transformar a simples utilização do computador numa abordagem educacional que favoreça efetivamente o processo de conhecimento do aluno. Dessa forma, a interação com os objetos de aprendizagem, o desenvolvimento de seu pensamento hipotético e dedutivo, de sua capacidade de interpretação e análise da realidade tornam-se privilegiados e a emergência de novas estratégias cognitivas do sujeito é viabilizada. (OLIVEIRA, 2007, p. 62)

Para Oliveira (2007),

[...] as dificuldades dos alunos trabalharem com as Novas Tecnologias em específico, é a falta acesso, alguns alunos têm acesso, mas não têm conhecimento para lidar com a máquina. Com essa realidade, há uma grande possibilidade do ensino ficar defasado. (OLIVEIRA, 2007, p. 88)

O aluno não tem uma preparação para usar as ferramentas tecnológicas de ensino, se tornando cada vez mais excluído digitalmente e a inclusão digital é o que falta.

6. Análise e discussões sobre os depoimentos dos alunos

Para essa proposta foram coletados depoimentos de 5 alunos da rede pública estadual do município de São João da Barra-RJ, foi formulado uma pergunta sobre o que eles pensam sobre o sentimento de exclusão tecnológica durante a pandemia. Vale ressaltar, que são alunos de duas escolas estaduais situadas no mesmo município e alguns utilizam ferramentas diferentes em seus estudos, mas perpassam pelo mesmo viés de aprendizagem.

A aluna **A1**, é do sexo feminino, com 17 anos, da escola **X** afirma que:

“Estudar a distância e um pouco complicado, por que nas aulas presenciais, tenho os professores e meus colegas que podem me ajudar a tirar dúvidas, e nas aulas online eu procuro um jeito de autoajuda. Não tenho muita dificuldade, apenas, existem matérias que entendo com mais facilidade do que outras. Nas matérias que eu não tenho dificuldade, eu tenho um ótimo desempenho, porém, nas matérias que eu tenho pouca dificuldade, eu tenho um desempenho menor.”

A aluna **A2**, é do sexo feminino, com 17 anos, estudante da escola **X** diz que:

“O ensino a distância está sendo mais ou menos, pois, tenho um pouco de dificuldades em aprender online em questão das matérias. O ensino online é bom, pois tem mais tempo parar estudar e entregar todas as atividades online. A principal dificuldade é em fazer as atividades, pois não entendo muito bem o que está sendo explicado na aula. Eu não acredito que esteja tendo um bom aprendizado. Eu acho que no ano que vem todas as escolas deveriam voltar com as matérias, pois muito aluno não tem estrutura para fazer uma prova de concurso ou para outras escolas.”

O aluno **A3**, é do sexo masculino, com 18 anos, da escola **Yrelata** que:

“É consenso que estudar à distância está sendo uma experiência nova, pois quase nenhum aluno e profissional havia se habituado a modalidade de ensino, que tem suas vantagens e desvantagens, pois exige mais autonomia do aluno, mas com excesso de conteúdo da grade curricular exigida pela escola e sem o contato com o educador, o aluno fica mais cansado o que pode fazer com que ele produza menos e se sinta desmotivado para estudar.”

Sabe-se que mesmo com todo empenho dos professores e alunos, é uma coisa nova para ambos. E ainda nada substitui a presença e o contato direto entre educador e educando. Isso é muito importante. Logo, a dificuldade maior da maioria é justamente essa aproximação, essa empatia que causam dificuldades para ambos.

Além disso, uma das maiores dificuldades de estudar à distância é justamente pelo fato de não se ter o educador no momento certo para que ele possa tirar as dúvidas dos alunos, já que através da plataforma “*Google Classroom*” não há como encaminhar ou receber áudio. Por isso é complexo para a comunicação do aluno e do educador, pois muitas vezes é difícil de entender por texto.

Entretanto, à questão do aprendizado, é lógico que, mesmo à distância, o aprendizado existe, mas como já foi citado anteriormente, não é da mesma forma que a presença, contato e a empatia de uma aula presencial. As aulas são bem mais dinâmicas e nada substitui a presença do professor. Assim, está tendo algum aprendizado, mas com algumas ressalvas.

A aluna **A4**, é do sexo feminino, com 17 anos, da escola **Yexplica** sua situação:

“Bom, está sendo complicado, com poucas explicações, muita exigência, que deixa o aluno pressionado e com dúvida se vai passar ou não. Estudar a distância é mais difícil do que imaginávamos, alguns professores não mostram interesse e só lançam atividade e acabou, o aluno que se vi-

As minhas dificuldades são inúmeras, no começo eu aceitei bem, fazia tudo e entregava em dia, mas como já vinha passando por um problema psicológico, isso foi ainda pior. Em um certo período, eu acumulei mais de 20 atividades, mas com muita determinação e esforço, eu consegui colocar em dia em 1 semana que foi dada pela escola para os alunos que estavam atrasados. Porém, eu fui piorando e não consegui suportar a pressão, perdi a vontade de estudar e meu interesse foi por água abaixo, tentei ignorar a plataforma, mas não consegui, na medida em que ia chegando as atividades, chegava também uma notificação no e-mail e me deixava muito agitada, isso porque eu sempre fui muito comprometida com a escola e queria fazer, mas não conseguia, decidi apagar a plataforma e avisar aos professores que não dava mais, faço uso de remédio controlado e precisava de um tempo, e foi o que fiz, apaguei o e-mail pra não receber as atividades e assim tem sido muito melhor.

Acredito que não tem sido um bom aprendizado, uns se esforçam, outros não ligam e outros que não conseguem, na minha opinião, o ano letivo de 2020 poderia ser cancelado, precisamos nos recuperar, recuperar tudo o que era pra ser aprendido esse ano, até porque parece que foi inválido, todo o esforço, porque por mais que queremos, não aprendemos o que deveríamos aprender.

Espero que tudo volte à normalidade e que logo possamos nos reerguer.

A aluna **A5**, é do sexo feminino, com 17 anos da escola **Y**, comenta que:

“Esse ensino remoto está sendo algo totalmente novo. A princípio não foi tão fácil a adaptação, porque nunca imaginei que seria necessário estudar em casa. Mas estou tendo muito apoio da direção e dos meus professores. A minha maior dificuldade é a distração, porque na escola é mais fácil se concentrar já que os professores estão bem na minha frente. Em casa é mais fácil largar o caderno para fazer outras coisas, como assistir TV por exemplo. Essa é a única dificuldade para mim. O aprendizado está acontecendo sim, mas é claro que exige um pouco mais de esforço, mas em geral tenho muita liberdade de questionar e tirar minhas dúvidas no horário da aula e até mesmo fora do horário.”

Fazendo uma análise dos depoimentos acima, chega-se a uma conclusão de que tanto os dois alunos da escola **X**, quanto os três alunos da escola **Y**, sentem seus fracassos no que diz respeito ao ensino/aprendizagem de forma remota, afetando a sua autoestima.

Assim, surge o questionamento do fracasso escolar durante o isolamento social, os levando a pensar que são responsáveis pela própria exclusão. Mediante os relatos percebe-se que não há presencialidade, não há esse contato físico, e isso impacta o aprendizado, dificultando o entendimento dos conteúdos conforme afirma o aluno **A3**.

Segundo os depoimentos dos alunos, percebe-se que se faz necessária uma didática envolvente, que seja interessante mesmo no ensino remoto. Já a aluna A4, não consegue se adaptar, ela relatou que interrompeu os estudos, mediante a dificuldade de acompanhamento das aulas, devido a falta de acesso e ao excesso de conteúdos.

Os alunos estão desgastados devido a uma grande pressão psicológica, a mudança de rotina e os desafios que vão surgindo durante as aulas, e os mesmos afirmam que a *Internet* promove a flexibilidade, mas não garante a mesma mediação da aula presencial.

7. *Considerações finais*

Tendo em vista os argumentos apresentados pelos autores consultados e os depoimentos dos alunos, verificou-se como a exclusão digital produz impactos na sociedade, principalmente durante o isolamento social, afetando diretamente o desempenho dos alunos com a falta de acesso.

O cenário de enfrentamento à pandemia vem exigindo medidas provisórias por parte do Estado, na área educacional, em função da pandemia do Covid 19. Essas ações que estão sendo tomadas para gerir a educação na intenção de proporcionar uma regulação social. Algumas dessas medidas têm sido tomadas no sentido de minimizar o prejuízo em relação à aprendizagem dos conteúdos curriculares.

Por outro lado, percebe-se que a tecnologia contribui muito com o avanço da aprendizagem dos alunos, mas também existem aqueles que são chamados “analfabetos digitais”, pois são os que na verdade não dominam ou têm pouco acesso à Tecnologia da Informação e Comunicação.

Nesse sentido, o ensino a distância surge como uma alternativa para evitar que os estudantes sofram prejuízos em consequência da pandemia. Os componentes curriculares passam a serem trabalhados de forma remota, sendo que essa medida está contribuindo para o ensino em diversos países que se viram frente à necessidade de suspender as aulas por causa do novo coronavírus.

Este trabalho alcançou o objetivo geral pontuando que diversos outros fatores interferem nesse resultado, percebe-se que a exclusão escolar é o resultado “normal” do avanço tecnológico em massa que

surgiu de maneira essencial e emergencial. É preciso que de maneira igualitária, pensemos em uma educação inclusiva, que deem suportes tecnológicos a todos os alunos de fato. Proporcionando capacitação para os alunos, fornecendo *Chips de Internet, Tablets* e todo aparato necessário que supra as necessidades para concluir os seus estudos na etapa final do Ensino Médio.

Considera-se também a necessidade de capacitação para os professores, para se adequarem as suas práticas pedagógicas e aos conteúdos com a nova realidade durante a pandemia. Enfim, todo aparato tecnológico digno de uma construção de conhecimento, acompanhando as transformações da sociedade de maneira igualitária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, D. V. *Psicopedagogia: Avaliação e Diagnóstico*. 1. ed. Vila Velha-ES, ESAB – Escola Superior Aberta do Brasil, Vitória, 2007.

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Trad. de L. de A. Rego e A. Pinheiro. Lisboa: Edições 70, 2006. (Obra original publicada em 1977).

BOULOS, M. N. K. *Geographical tracking and mapping of coronavirus disease Covid-19 severe acute respiratory syndrome coronavirus 2 (SARS-CoV-2) epidemic and associated events around the world: how 21st century GIS technologies are supporting the global fight against outbreaks and epidemics*. Int J Health Geogr. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1186/s12942-020-00202-8>. Acesso em: 11out. 2020.

BOURDIEU, P., PASSERON, I. C. *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1975.

_____. *Escritos de Educação*. Vozes, Petrópolis, 1998.

BRASIL, Lei 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. *Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional*. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília-DF, v. 134, nº 248, p. 27833-41, 23 dez. 1996. Seção 1. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.html. Acesso em: 01 ago. 2020.

BRASIL. Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão. Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). *Síntese de Indicadores Sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira* 2009. Rio de Janeiro: IBGE, 2009. Estudos e Pesquisas. Informação

Demográfica e Socioeconômica, n. 26. Disponível em: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaoodevida/indicadoresminimos/sinteseindicossociais2009/indic_sociais2009.pdf. Acesso em: 15 ago. 2020.

FREIRE, P. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2001.

HARASIM, L. *et al. Redes de aprendizagem: Um guia para ensino e aprendizagem online*. São Paulo: Editora SENAC, 2005.

MARUN, D. J. *Evasão escolar no Ensino Médio: um estudo sobre trajetórias escolares acidentadas*. Dissertação (Mestrado em Educação), Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008.

Ministério da Educação e Cultura (MEC), através da portaria nº 343, de 17 de março de 2020.

OLIVEIRA, I. B. de. Reflexões acerca da organização curricular e das práticas pedagógicas na EJA. *Educar*, n. 29, Curitiba, 2007.

PRETTO, N. de L. Cultura digital e educação: redes já! In: PRETTO, N e SILVEIRA, S. A. (Orgs). *Além das redes de colaboração: internet, diversidade cultural e tecnologias do poder*. Salvador, Edufba, 2008. Disponível em: <http://rn.softwarelivre.org/alemdasredes/2008/08/26/lançadodo-e-disponibilizado-olivro-do-alem-das-redes-de-colaboracao>. Acesso: ago. 2020.

SILVA, A. C.; BURGOS, M. P. *Inclusão digital na EJA - trilhando os caminhos da autonomia*. In: I Congresso Internacional da Cátedra UNESCO de educação de jovens e adultos. João Pessoa: Editora Universitária, 2010. <http://www.catedraunescoeja.org/GT12/COM/COM012.pdf> Acesso em: 19 ago 2020.

UNESCO. Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura. *Suspensão das aulas e resposta à COVID-19*. Disponível em: <https://pt.unesco.org/news/educacao-escolar-em-tempos-pandemia-na-avisao-professoras-da-educacao-basica-uma-pesquisa>. Acesso em: 07 out. 2020.